

30 AGO 1982

## 6— CIDADE / SOCIAIS

Brasília, segunda-feira, 30 de agosto de 1982



**Professor diz que a organização dos espaços tem origem nas transformações urbanas do século passado**

## Proposta de Brasília não é revolucionária

O professor Frederico Holanda, do curso de arquitetura da Universidade de Brasília, está concluindo uma tese em que pretende desmitificar Brasília como proposta revolucionária, cujas origens datam do movimento modernista.

Para o professor, os princípios que estão por trás da organização do espaço de Brasília têm origem nas transformações urbanas que se passaram nas cidades europeias no século passado. Ele afirma que Le Corbusier repetiu isso com um discurso tecnológico que revela um sentido mecânico do espaço, através da sua separação em quatro funções: habitar, circular, trabalhar e recrear.

Frederico Holanda afirma que essa perspectiva de produção do espaço revela uma obsessão de controle sobre o espaço, como a que caracterizava os socialistas utópicos, que chegavam ao ponto de organizar os setores, definindo os tipos e tamanhos dos edifícios e propondo que se estabelecessem formas de vigiar o funcionamento das cidades.

A concepção de planejamento que resultou no Plano de Brasília teria origem nessa interpretação de que a origem urbana representava, na verdade, uma desordem e que cumpria eliminar a ambigüidade, promovendo o zoneamento do espaço a partir de um controle centralizado por uma agência do Estado. Com isso, explica, qualquer evento não programado pelo poder do Estado se mostra claramente.

A consequência, no seu entender, é um empobrecimento terrível da vida urbana, no sentido da diminuição das possibilidades de relações de troca entre as diversas pessoas no espaço público.

Em Brasília, diz que não cabe a improvisação. "Qualquer evento não programado incomoda e precisa ser corrigido. O que surge espontaneamente é considerado como uma excrecência", afirma, lembrando o episódio da Feira de Artesanato, na Torre de TV, que o Governo quer deslocar para o Parque, alegando que não é compatível com o local.

"Só é admitida uma apropriação peculiar de determinado tipo, pré-estruturada, pré-programada por uma agência centralizada. O professor afirma que não há chances de ocorrerem manifestações espontâ-

neas de massa, por exemplo, na Esplanada dos Ministérios. Somente as pré-programadas por uma agência centralizada, como amissa do Papa, a apresentação de Roberto Carlos e do Projeto Aquarius. Sobre o episódio do enterro de Juscelino Kubitschek, prefere não opinar, alegando que não avaliou suficientemente o fômeno.

O que assegura é que as manifestações espontâneas só ocorrem onde a ambigüidade é a menor possível, citando a Plataforma da Estação Rodoviária e o Setor Comercial Sul, onde a superposição de funções é mais manifesta.

### ESPAÇO

Essa tendência de produção do espaço urbano, que Frederico Holanda identifica também em outras cidades, como Salvador, em que os órgãos da administração pública foram concentrados em um Centro Administrativo, estaria também caracterizada nas cidades-satélites. O professor afirma que nelas ocorre a mesma coisa: "A Ceilândia é um Plano Piloto mais pobre", lembrando o espaço comunitário, que também está presente em Planaltina.

A esses espaços resultantes de zoneamento, o professor atribui à concepção de edifício: "A UnB é um edifício, como o Carrefour ou a Esplanada dos Ministérios". Ele diz que discorda de Lúcio Costa, quando compara a Esplanada dos Ministérios com os Champs Elysées, pois no caso dos Eliseus, existem um entorno diferenciado.

Ele exemplifica com o Conjunto Nacional, "um ponto isolado de todo o conjunto", aonde as pessoas vão, mas por onde ninguém passa, para afirmar que "a cidade deixou de ser uma rede de espaços articulados e contínuos para ser um conjunto de pontos isolados na paisagem".

Sobre a ocupação das áreas verdes, Holanda diz que é uma discussão complexa, porque não quer que interpretem que está defendendo interesses imobiliários. Ele diz que a ocupação pura e simples não adianta, porque representa apenas o adensamento, sem trazer ambigüidade. "Porque não construir blocos residenciais naquele espaço em que estão implantando um estacionamento junto ao Conjunto Nacional, ou ao lado do Setor de Diversões Sul?", desafia.

## Arquiteto diz que cidade não é autoritária

"Não acho Brasília uma cidade autoritária. Ao contrário, considero-a uma cidade de um intercâmbio muito grande. Aliás, não conheço outra cidade com um intercâmbio tão grande"... A afirmação é do arquiteto Gladson da Rocha Pimentel, acerca da interpretação de que Brasília é uma cidade autoritária, dotada de uma estrutura repulsiva e que por isso, impede a socialização de seus habitantes, como foi dito no Seminário sobre Metrópoles, ocorrido este mês.

Para Gladson da Rocha, o problema é que os críticos de Brasília analisa, hoje, sem considerar o momento em que a cidade foi projetada há vinte e cinco anos atrás, quando a realidade era completamente diferente. Ele chama a atenção que atualmente uma cidade que é totalmente construída em três anos não pode ser analisada com os mesmos parâmetros utilizados para as cidades implantadas na idade média quando eram necessários trezentos anos para sua construção.

Gladson da Rocha reconhece que Brasília tem muitas deficiências, o que considera natural, pois "interpreta e põe em prática, pela primeira vez, uma teoria que foi desenvolvida durante os primeiros 50 anos deste século, por homens como Le Corbusier, Sullivan e tantos outros". Para o arquiteto, Brasília "é uma síntese desse pensamento, é o resultado de um pensar e fazer urbanismo desenvolvido por dezenas de anos". Quando Le Corbusier visitou Brasília, conta Gladson da Rocha, ficou tão entusiasmado que andou pelos seus espaços todo o tempo com os braços abertos, enquanto repetia seguidamente: "Bravo, bravo, bravo".

Brasília, segundo entende, mostra uma prática de planejamento urbanístico diferente do "urbanismo de gabinete", desenvolvido a partir de somente duas dimensões, baseado unicamente no sistema viário. O arquiteto diz que a Inglaterra, dotada de grande organização e desenvolvimento científico e tecnológico, já fez trinta cidades novas, mas nenhuma tão expressiva que alcançasse notoriedade internacional.

Brasília, explica, continua sendo o que de mais original e interessante já se fez no mundo em termos de urbanismo e diz que só agora é tentada uma experiência de importância equivalente com a nova capital da Nigéria.

### PROBLEMAS

Sobre "inúmeros problemas que podem ser encontrados em Brasília", diz que planejamento é feito através

de experimentos com o aproveitamento do que se revela interessante nas vezes posteriores. "O que não é possível é eliminar-se os problemas. No projeto da minha própria casa, por exemplo, eu acabei tendo que aceitar o problema de uma garagem em que os carros ficam um atrás do outro. Ocorre que, aceitando isso, eu eliminei 98 outros problemas".

O arquiteto, que viveu com a sua família numa casa da W-3 Sul, diz que gostou da experiência e seus filhos souberam muito bem se apropriar da área externa, que se integrava no ambiente da casa. Mas, chama a atenção para o que vem acontecendo com aquelas casas, onde o proprietário levanta uma laje, puxa um cômodo, deformando o projeto, com o que justifica que deve haver alguma rigidez no controle. Se a pessoa quer uma casa maior, defende que "compre uma Mansão Dom Bosco, se quer ainda maior, procure uma Mansão Park-Way, se maior ainda, compre uma fazenda".

"O que não se pode aceitar é a situação de Taguatinga, que é hoje o paraíso da especulação imobiliária. Já são permitidos os edifícios de oito andares e se a coisa continuar assim, dentro de pouco tempo teremos de 20 andares, depois, 25, e depois 30", adverte.

Uma denúncia importante que o arquiteto faz é a incapacidade do Conselho de Arquitetura e Urbanismo, o órgão que toma as decisões de espaço referente a problemas arquitônicos, onde assinala que não existe um só arquiteto, que vote nas suas decisões. Ele ressalva, contudo, que não é suficiente dispor de arquitetos entre os conselheiros. "É preciso que seja um arquiteto que saiba ler espaço, que tenha uma experiência de, no mínimo, quinze anos de prancheta diária, uma experiência de fazer arquitetura, não de falar de arquitetura".

Gladson da Rocha acha que o Plano Piloto de Brasília deve ser controlado, inclusive com relação à implantação de grandes centros comerciais, que diz desestimular a compra nos comércios locais, também transformados em centros comerciais especializados. Os comércios locais passam a reunir um tipo especializado de comércio (quadras em que só há farmácias, outras onde só há boutiques ou móveis e a população fica sem ter onde comprar o pão, o remédio, ou lavar a roupa).

O arquiteto defende também que em Brasília haja um controle dos letreiros publicitários, inclusive à beira das estradas, segundo ele, de péssimo gosto.